

## A expressão de violência no idiomatismo brasileiro\*

Vicente Martins\*\*

Rosemeire Selma Monteiro-Platin\*\*\*

### Resumo

*As crianças, durante o processo de aquisição da linguagem, aprendem e memorizam formas simbólicas de violência através de palavras, frases e fraseologias de sua língua materna. Na fase adulta, recorremos, graças à memória episódica, às expressões idiomáticas em diversos contextos de uso da língua. Como os adultos, então, interpretam as expressões idiomáticas? Que tipo de compreensão as crianças, na primeira infância, têm das expressões idiomáticas do tipo “chutar o pau da barraca”, “entrar no pau”, “meter o pau (em)” e “mostrar com quantos paus se faz uma canoa”? O presente artigo procura responder a estas indagações que inquietam educadores, psicólogos e pais. Dados coletados da fraseologia popular apontam que os significados dados às expressões idiomáticas não são arbitrários, mas têm base metafórica que decorre de esquemas de imagens e movimentos que emergem a partir de nossas experiências corpóreas armazenadas em nossa memória episódica.*

### Palavras-chave

*Violência; expressões idiomáticas; memória episódica*

### Abstract

*Children, during the process of language acquisition, learn and memorize symbolic forms of violence through words, phrases and phraseologies from their mother tongue. In the adult phase, we recur thanks to episodic memory, to the idioms in diverse contexts of language use. How do adults, then, interpret idioms? What kind of comprehension do young children have of idioms such as “chutar o pau da barraca”, “entrar no pau”, “meter o pau (em)” e “mostrar com quantos paus se faz uma canoa”? The present article seeks to answer these questions that worry educators, psychologists and parents. Data collected from popular phraseology show that idioms given meanings are not arbitrary, but have metaphorical bases which arise from image schemas and movements that emerge from embodied experiences stored in episodic memory.*

### Keywords

*Violence; idioms; episodic memory*

---

\* Pesquisa com apoio da FUNCAP.

\*\* Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal do Ceará. Professor no Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Sobral, Estado do Ceará.

\*\*\* Doutora em Psicolinguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará.

## 1. Introdução

A violência, desde a Antiguidade Clássica, tem encontrado nas diversas formas de fraseologismos (sentenças, provérbios e expressões idiomáticas), um meio eficiente para difundir valores e ideias de agressividade, guerra, ira, coação, opressão e tirania. Este estudo analisa, à luz da Psicolinguística e da Linguística Cognitiva, a interpretação dada por adultos e crianças a expressões idiomáticas relacionadas com a violência.

Para este estudo, analisamos dos dados oriundos de uma pesquisa-piloto, levada a efeito no ano de 2009, na microrregião de Sobral, situada no Noroeste do Estado do Ceará, sob a denominação de “**Corpus de Expressões Idiomáticas de Sobral**” (doravante, MEIS-2009). Durante a evocação livre das expressões idiomáticas, podemos observar um número expressivo dessas unidades fraseológicas relacionadas à agressividade e à violência linguística.

Do ponto de vista conceitual, as expressões idiomáticas, lexicologicamente, são definidas como unidades gráficas, também chamadas icônicas, metafóricas, figuradas, não-composicionais e, por nós, neste artigo, batizadas de **enunciados fraseológicos**. A expressão “enunciados fraseológicos” nos permite analisá-las a partir de aportes da Psicolinguística e da Linguística Cognitiva.

Pensamos, assim, em delimitar estes enunciados idiomáticos em dois tipos: (a) expressões idiomáticas (modismos) e (b) expressões semi-idiomáticas (colocações).

Por modismo, entendemos, segundo a acepção de Houaiss (2009), “locuções próprias de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa outra língua de estrutura análoga, geralmente, por ter um significado não dedutível da simples combinação dos significados dos elementos que a constituem”. Por “colocações”, referimo-nos a combinações de unidades lexicais fixadas na norma linguística ou uma combinação de palavras que se distingue pela sua alta frequência de uso. Neste artigo, não trataremos das colocações.

Na verdade, a definição das expressões idiomáticas tem sido muito mal resolvida pela Lexicologia, Linguística, Linguística Cognitiva e pela própria Fraseologia, abrigadas muitas vezes em diferentes abordagens (psico)linguísticas. Para se ter uma ideia de quão é complexa a definição de expressões idiomáticas, lembraríamos que existem muitos termos que abarcam os diversos tipos fraseológicos, como, por exemplo: “expressões fixas”, “unidades fraseológicas ou “unidades poliverbais”; e, dentro destas denominações genéricas, existem outros diferentes tipos: por um lado, as parêmi-

(provérbios, refrões, adágios, aforismos); por outro, as expressões idiomáticas (fórmulas, modismos), e, ainda, as colocações, entre outros termos já bem descritos na literatura.

As definições fraseológicas dos dicionários de linguística mais antigos, como as de Câmara Junior (1981, p. 142) e Dubois et al (1993, p. 93 e 330), definem-nas como frases cristalizadas numa língua cuja combinação ou sintagma tem um caráter **estabilizado**. Para nós, contrastando, brevemente, com as acepções mais “estáveis” e reproduzidas em grande parte pelos dicionaristas, o verbete “expressão idiomática”, no singular ou na sua forma plural, é uma enunciação do ponto de vista linguístico, o que equivale a dizer que expressões idiomáticas são eventos de fala, em que se ressalta o papel dos falantes num dado contexto comunicativo.

Queremos, então, sustentar, recorrendo a Ducrot (1987), que a expressão idiomática não é, a rigor, uma simples “frase” ou “locução”, “construção que encerra um sentido completo”, prescrita pelos gramáticos, e sim um **enunciado** e, como tal, definido por Ducrot como “manifestação particular, como a ocorrência **hic et nunc**<sup>1</sup> de uma frase.” (p. 164, grifo nosso). Assim, as expressões idiomáticas são definidas por nós como “enunciados fraseológicos” que podem ser analisados segundo duas perspectivas. Na primeira, são, formalmente, enunciados cristalizados e memorizados, isto é, são um produto acabado, fechado em si mesmo. Na segunda perspectiva, nós as vemos, porém, como produto de uma enunciação, no centro do qual se inscrevem. Qualquer pessoa ou comunidade linguística as evoca ou as repete, em determinadas episódios, com intenções determinadas pelo interlocutor, que as compreende ou não (REUTER, 2007, p. 15). As expressões idiomáticas são enunciados presentes nas nossas conversas, urbanas ou rurais, públicas ou privadas, e, sobretudo, estão manifestas nos episódios do nosso cotidiano, através da “memória de eventos”.

## 2. Constituição de um *corpus* de expressões idiomáticas

Para elaboração desta investigação, realizamos, inicialmente, uma pesquisa-piloto, levada a efeito no ano de 2009, na microrregião de Sobral, situada no Noroeste do Estado do Ceará. Para tanto, contamos com adesão de alunos do Curso de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), através de atividade acadêmica

---

<sup>1</sup> A expressão latina quer dizer “neste exato instante e local”, o que, no nosso entender, caracteriza bem o caráter sincrônico e episódico de muitas unidades fraseológicas.

decorrente de *uma prática de pesquisa sobre o idiomatismo popular*, em que foram registradas, por 43 entrevistadores (doravante, documentadores), cerca de 600 unidades fraseológicas evocadas, livremente, por adultos (e crianças), residentes naquela região. Cada documentador entrevistou 10 adultos e 10 crianças. Cada adulto evocou 5 unidades fraseológicas. As crianças interpretaram expressões idiomáticas do tipo “chutar o pau da barraca”, “entrar no pau”, “meter o pau (em)” e “mostrar com quantos paus se faz uma canoa”? A experiência de estudo, em sala de aula, e análise dos dados do MEIS-2009 foram interessantes e gratificantes do ponto de vista acadêmico, e nos renderam o arcabouço teórico-metodológico deste artigo.

Atuando como professores de Linguística e língua estrangeira (espanhol), temos especial interesse pelos estudos fraseológicos, particularmente pela relação entre fraseologia e memória episódica na perspectiva da Psicolinguística e da Linguística Cognitiva. Sabemos que o fraseologismo está presente em todas as línguas, sejam antigas ou modernas. Levando em conta a recorrência desse fato linguístico, o franco-suíço Ferdinand de Saussure, em seu *Curso de Linguística Geral* (1995), cuja primeira edição é datada de 1916, traz no Capítulo V (Relações sintagmáticas e relações associativas), especialmente no §2, uma seção sobre “relações sintagmáticas”, em que estabelece as bases conceituais do que denominamos hoje de fraseologia, ramo linguístico posteriormente aprofundado por seu discípulo Charles Bally.

É interessante observar que Saussure, agora revisitado por nós para a elaboração deste artigo, diz ter encontrado nos estudos comparativos das línguas – o que nos leva supor que a língua francesa e o próprio sânscrito sejam contemplados nas suas primeiras postulações ou especulações fraseológicas – uma quantidade significativa de “expressões que pertencem à língua” (SAUSSURE, 1995, p. 144), denominadas, por ele, de **frases feitas**, nas quais, segundo o linguista, o “uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela **reflexão**, as partes significativas” (SAUSSURE, 1995, p. 144, grifo nosso).

Foi graças, também, a Saussure que passamos a ver as expressões idiomáticas como manifestações de uma cultura: “Esses torneios não podem ser improvisados; são fornecidos pela **tradição**” (SAUSSURE, 1995, p. 144, grifo nosso), cuja evocação livre é “possível pela **lembrança** de um número suficiente de palavras semelhantes pertencentes à língua” e, ainda, na referida seção sobre os sintagmas, ressalta o Mestre de Genebra a natureza psicológica das “frases e grupos de palavras estabelecidos sobre

padrões regulares” por terem, segundo assinalou em sua obra póstuma, uma “base na língua sob a forma de **recordações concretas**” (SAUSSURE, 1995, p. 145, grifos nossos).

A expressão saussuriana “recordações concretas”, interpretada por nós como intuições psicolinguísticas que, sob o enfoque cognitivista, podem ser traduzidas como “imagens ou lembranças decorrentes de experiências já vividas” nos aproxima do conceito que temos de memória episódica: “memórias de eventos específicos, lugares ou situações ocorridas no passado” (THOMPSON, 2005, p. 511). Aliás, o conceito de imagem acústica aplicado à noção de significante do signo linguístico, no nosso entendimento, nasce na Psicolinguística, em plena emergência do estruturalismo.

A noção de fraseologismos ou frases feitas, como os concebemos hoje, ao certo, nasceu com a linguística moderna de Saussure e, ao longo dos anos, passou a ser também objeto de atenção de Eugenio de Coseriu, em seu *Linguística del texto* (2007), que os chamou de “combinações feitas de signos” ou “discurso repetido” (p. 201). Para Coseriu (2007), as expressões fixas resultariam de “mera reprodução do já dito”, ouvido ou lido, isto é, quando um usuário recorre à unidade fraseológica, nos seus atos de fala, reproduziria algo que anteriormente já havia dito, o que significa, doutra maneira, que o “**discurso repetido**” está – para tomar uma definição Thompson (2005) – realmente, armazenado na memória de longo prazo do usuário, a qual tem uma “capacidade e duração ilimitadas” (THOMPSON, 2005, p. 511). As unidades fraseológicas, para Coseriu, são experienciadas por “determinada comunidade linguística” porque “muitos de membros as conhecem” (diríamos que os falantes fazem o ‘**reconhecimento idiomático**’) e, “inclusive as **sabem de cor**” (p. 202, tradução nossa).

Como dissemos, na introdução deste artigo, operacionalmente, entendemos as expressões idiomáticas como “enunciados fraseológicos” resultantes de uma “enunciação fraseológica”. Como enunciados fraseológicos, as expressões idiomáticas, linguisticamente, são unidades fraseológicas mais usais de uma língua numa dada sincronia. Para construção dessa definição, recorremos a posições teóricas da fraseodidática como as de Ortiz-Alvarez (2002), Tagnin (2005), Fernández et al. (2004), González-Rey (2007), Delbecque (2008) e Baptista (2009). Essas pesquisadores apontam, em linhas gerais, a **idiomaticidade** e a **fixação** como os principais traços distintivos dos grupos fraseológicos uma vez que são “cristalizados, **memorizados**, prontos para uso, cujos constituintes perdem parcialmente ou totalmente suas

propriedades semânticas, lexicais ou sintáticas” (NEVEU, 2008, p. 167, grifo nosso). Corpas-Pastor (1996, p. 19-28, apud Matias 2008) enumera, pelo menos, cinco características para a classificação das unidades fraseológicas: (a) Polilexicalidade; (b) Cristalização; (c) Opacidade; (d) Não-composicionalidade<sup>2</sup>; e (e) Idiomaticidade, definições e características que levamos em conta na seleção das unidades fraseológicas do MEIS-2009.

Como enunciados fraseológicos, diríamos, psicolinguisticamente, que as expressões idiomáticas são formas **memorizadas** resultantes de experiências corpóreas já vividas. E, como tais, não podem ser vistas apenas e, formalmente, como “frases feitas”, definitivamente acabadas, isto é, *frames* estocados em nossa mente, mas, substancialmente (outra vez, aqui, atualizaremos o conceito de substância de Saussure), são expressões que “metaforizam” nossas vivências.

Afinal, quando evocamos as expressões idiomáticas recorremos a qual das memórias de longo prazo? Presumimos que a memória episódica, separada da semântica, desempenharia este papel psicolinguístico **específico**. Grifamos específico para tentar isolar a memória episódica da memória semântica, das duas memórias declarativas de longo prazo. Para essa discussão, que não esperamos que seja um pugilato, vamos caracterizar, aqui, mesmo com os limites de espaço, as duas memórias. Recorreremos a Ehrlich (1979), Scliar-Cabral (1991, 2005), Monteiro-Plantin (2001), Lieury (2001), Eysenck e Keane (2007), Sternberg (2008), Lefrançois (2008), entre outros teóricos cuja abordagem é, explicitamente, a **cognitivista**.

Os autores supracitados apontam a memória episódica como um registro individualizado de uma informação (no caso, a unidade fraseológica denominada expressão idiomática) específico de aparecimento. Para Scliar-Cabral, “a memória episódica é necessária à conversão do conhecimento de experiências a **narrativas linguísticas**” (p. 137, grifo nosso), o que equivale a dizer que as expressões idiomáticas são “narrativas linguísticas” diretamente relacionadas com a memória episódica. Aventurar-nos-íamos a dizer que sem a memória episódica, especificamente conectada

---

<sup>2</sup> Como esta categoria será recorrente na escritura deste artigo, convém defini-la assim: semanticamente, como nos descreve Neveu (2008), a **não-composicionalidade** “caracteriza-se por uma opacidade semântica que varia principalmente em função do grau de cristalização das expressões e pelas restrições sintáticas” (p. 75). O **princípio da composicionalidade**, aplicado à fraseologia e defendido explicitamente pelos linguistas cognitivos, foi desenvolvido, primeiramente, pelo filósofo e lógico Gottlob Frege (1879-1925).

ao fraseologismo, não poderíamos, no âmbito da Psicolinguística, postular uma memória específica para a **evocação e compreensão**<sup>3</sup> das expressões idiomáticas.

A longa tradição dos estudos linguísticos sobre fraseologismos segue, ainda e limitadamente, um enfoque estritamente lexicográfico ou estruturalista, inspirado nas postulações precursoras de Saussure e Charles Bally. A abordagem psicolinguística, proposta aqui neste artigo, eleva os estudos fraseológicos à categoria de objeto sob a “visão simbólica da cognição” e “hipóteses cognitivistas”, que é um avanço do ponto teórico-metodológico, recorrendo aos termos de Macedo (2008). Porém, reconhecemos a sedução que nos causa a perspectiva ou abordagem dos linguistas cognitivos ao analisarem o caráter de não-composicionalidade do idiomatismo das expressões fixas e a reconhecerem, como fazem Cuenca e Hilferty (1999, p. 116), nos componentes individuais das “frases idiomáticas”, um papel importante na interpretação das mesmas, graças ao que chamam de “composicionalidade transparente”: “As frases feitas não são um mero **saco de metáforas mortas** cuja estrutura interna não tem nada a ver com sua interpretação global” (CUENCA; HILFERTY, 1999, p. 121, tradução e grifo nossos).

Graças aos estudos dos linguistas cognitivos, acredita-se que a compreensão da motivação metonímica ajuda na compreensão não apenas das metáforas, mas também das expressões idiomáticas. A questão da não-composicionalidade das expressões idiomáticas, um traço distintivo em fraseologia, atualmente é vista pelos linguistas cognitivos como significados não arbitrários, isto é, teriam uma base metafórica que decorreria de esquemas de imagens e movimentos que emergem a partir de nossas experiências corpóreas. Mas, eis que estamos em “terreno pedregoso” da Linguística Cognitiva e não iremos “com muita sede ao pote”, por razões óbvias: para este artigo, nosso referencial teórico restringe-se às descrições e explicações (psico)linguísticas.

A **teoria dos roteiros** (*scripts*), também, chama-nos a atenção por ser aplicável aos estudos fraseológicos. Essa teoria dá conta da organização e aplicação do conhecimento na compreensão do discurso, em termos de *frames* ou *scripts* que desempenham um papel importante na aquisição de modelos pessoais novos, ou na atualização dos velhos, visto que o **processo de recordação** envolve a recuperação de modelos anteriores da mesma espécie” (grifo nosso), o que pode explicar, no nosso entender, o significado literal (composicionalidade) dado pelas crianças às expressões

---

<sup>3</sup> Compreensão relacionada à fraseologia, neste artigo, é uma categoria psicolinguística e cognitiva, isto é, refere-se à construção de representações conceituais na memória do falante.

idiomáticas, nos dados coletados pelo MEIS-2009. Os *scripts* merecem uma atenção na nossa análise das expressões idiomáticas quanto às estratégias especiais utilizadas pelas crianças para o processamento das unidades fraseológicas: “Embora os *scripts* geralmente ajudem a recordação, eles por vezes também a atrapalham porque um episódio que se encaixa em um *script* pode se fundir com ele, fazendo com que qualquer evento episódico perca sua distinção” (FLAVEL et al. 1999, p. 209). Os *scripts*, então, seriam os responsáveis pelo caráter de composicionalidade dado pelas crianças às expressões idiomáticas, conforme verificamos no MEIS-2009?

### **3. Hipóteses psicolinguísticas para o processamento das unidades fraseológicas**

Para este trabalho, partimos de hipóteses conhecidas do processamento psicolinguístico das unidades fraseológicas, a saber: (1) Hipótese de uma lista separada de expressões idiomáticas no léxico mental; (2) Hipótese da representação léxica; (3) Hipótese do acesso direto aos frasemas e (4) Hipótese da imagem idiomática.

A partir das descrições de González-Rey (2007); Corpas-Pastor (2001) e Monteiro-Platin (2008), testamos as hipóteses acima, a partir da tarefa de evocação livre das expressões idiomáticas, por meio de entrevista, procedimento metodológico bastante aceito por parte dos entrevistados e documentadores, para a coleta de dados do MEIS-2009. Temos alguns pontos a considerar após a análise das expressões idiomáticas, especialmente às relacionadas com a violência.

Começamos pela **hipótese de uma lista separada de expressões idiomáticas no léxico mental**. Por essa hipótese, somos levados a supor a existência de uma lista separada ou estocada de expressões idiomáticas que os falantes codificam e armazenam, de forma independente, no seu léxico mental. Como tais unidades têm um significado literal e idiomático, tornam-se ambíguas e requerem, portanto, dois modos distintos de processamento das unidades fraseológicas. Aqui se encontram, na década de setenta, os primeiros estudos de S. Bobrow e S. Belle (CORPAS-PASTOR, 2001) sobre reconhecimento de unidades fraseológicas (UFS) fora do contexto, os quais foram refutados posteriormente.

O MEIS-2009 nos autoriza também a refutar esta hipótese acima. A análise dos dados preliminares da nossa pesquisa-piloto principalmente as entrevistas com nossos informantes, adultos de baixa instrução, e mais velhos, não nos indica qualquer nível de



“ambiguidade” na hora de atribuir significado à unidade fraseológica apontada pelo entrevistador (Perguntamos, assim, por exemplo: o que o Sr. ou Sra. entendeu da expressão “**Fulano faz tempestade em copo d água**”?) A maioria dos entrevistados respondeu ao comando com resposta do tipo “É quando uma pessoa briga à toa por coisa pequena”, o que confirma a fraseologia consignada no dicionário Houaiss: “estardalhaço por motivo insignificante”.

Quando o falante evoca a expressão idiomática estocada em seu léxico mental, dá significado mais próximo ao dicionarizado e, estrategicamente, recorre, pragmaticamente, a contextos linguístico e situacional, e, assim, segundo podemos observar, aproxima-se da “interpretação correta” cristalizada no dicionário. Por exemplo, na pesquisa-piloto, um falante adulto evocou livremente “Estar com a faca e o queijo na mão” e atribuiu o seguinte significado: “A pessoa faz algo do jeito que ela quer ou pensa”. Ao consultarmos Houaiss (“dispor dos meios para impor uma vontade”), confirmamos, assim, o significado idiomático dado pelo falante sobralense à expressão idiomática.

Consideramos também à **hipótese da representação léxica**. Essa hipótese foi defendida, segundo Corpas-Pastor (2001), em 1979, por D. Swinney e A. Cutler em seu artigo “The access and processing of idiomatic expressions”. Estes consideram que as unidades ou expressões fraseológicas são estocadas e recuperadas no léxico mental como qualquer outra expressão, sem a intervenção de nenhum mecanismo especial. (GONZÁLEZ-REY, 2007, p. 26; MONTEIRO-PLATIN, 2008, p. 244). Corpas-Pastor (2001) afirma que essa hipótese parte do pressuposto de que o reconhecimento de uma unidade fraseológica desencadeia as interpretações literal e metafórica dos frasemas, embora os experimentos sobre o reconhecimento do léxico, baseados na velocidade da resposta dos falantes, parecem, segundo a pesquisadora, indicar certa preferência pela leitura idiomática em primeiro lugar, conforme comprovaram, em 1982, R. Estill e S. Kemper em seu artigo “Understanding Idioms”. A análise dos dados, especialmente as introspecções<sup>4</sup> dos nossos entrevistados, sugere-nos que os mesmos têm uma preferência por uma interpretação figurativa dos frasemas, isto é, de não-composicionalidade, uma vez que recorrem a um tipo de memória de longo prazo, a

---

<sup>4</sup> Entendemos por introspecção a reflexão e a descrição que o falante faz durante a entrevista, isto é, sobre o que ocorre na sua mente durante a evocação das unidades fraseológicas. Durante a constituição do CEIS-2009, foi feita o seguinte comando aos falantes entrevistados: “*Que estratégias o Sr. ou a Sra. utilizou para lembrar de cada uma das expressões idiomáticas?*”

qual reconhecemos e caracterizamos, por sua especificidade, como sendo a memória episódica, o que nos levou a transformar esta categoria como central na nossa pesquisa em fraseologia psicolinguística.

Analisamos os dados da pesquisa-piloto para a verificabilidade da **Hipótese do acesso direto aos frasemas**. Essa hipótese, segundo Glória Corpas Pastor (2001, p. 34) teria resultado da “Hipótese da representação léxica” que desloca a ênfase de uma suposta ambiguidade fraseológica para a convencionalidade e fixação das expressões idiomáticas. Essa hipótese admite que a compreensão e a produção de uma EF seriam facilitadas pelo caráter fixo e institucional das unidades fraseológicas, segundo González-Rey (2007, p. 26) e Monteiro-Plantin (2008, p. 244).

Durante a aplicação da pesquisa-piloto, pudemos observar que a maioria dos falantes adultos não apresentou dificuldade de dar o significado ao grupo fraseológico em questão e não deduzir o significado das expressões idiomáticas a partir dos significados isolados das palavras que o compõe. Os adultos não entenderam as expressões idiomáticas “ao pé da letra”, ao contrário das crianças. As crianças, ao serem indagadas sobre “O que vocês entendem da expressão *mostrar com quantos paus se faz uma canoa*”, responderam assim: “10 paus”, “20 paus”, “Depende da canoa, se ela for pequena ou grande”, “Eu nunca contei, mas deve ser uns vinte paus”, “Eu nunca vi ninguém fazendo uma canoa”, etc. (MEIS-2009). No caso das crianças, o princípio da não-composicionalidade constitui-se como uma estratégia essencial na interpretação dos enunciados idiomáticos. Por isso, para este artigo, levaremos em conta (mas não exclusivamente) a fixação e a idiomaticidade como traços evidentes para o reconhecimento das expressões idiomáticas (BAPTISTA, 2009) que funcionam, doutra sorte, durante a tarefa de evocação livre, como estratégias facilitadoras de acesso ao significado das mesmas, ainda que não sejam as mesmas interpretações canônicas dos dicionários de idiomatismos.

A **hipótese da não-composicionalidade frasêmica** assume que a interpretação de uma unidade fraseológica seria, inicialmente, literal, seguida da ativação de um mecanismo específico para seu reconhecimento, a partir do momento em que o falante reconhecesse sua não-composicionalidade semântica. (MONTEIRO-PLATIN, 2008, p. 244). No caso dos falantes-adultos, essa hipótese foi confirmada. Todavia, não foi confirmada esta hipótese para os falantes-crianças. O que nos chamou a atenção, também, é que o princípio da não-composicionalidade não foi levado em conta pelas

crianças de 6 a 12 anos. Tomando as palavras de Cuenca e Hilferty (1999, p. 116), diríamos, a partir dos dados coletadas pelo MEIS-2009, que a expressão idiomática do tipo “**mostrar com quantos paus se faz uma canoa**” (fraseologia que traduz, no regionalismo brasileiro, a ideia de “dar um castigo, uma lição completa; fazer uma repreensão”), aplicada aos menores, não foi interpretada como uma “metáfora morta”, dicionarizada, dando-lhe uma interpretação literal.

No caso desta hipótese, aproximamo-nos dos principais resultados da pesquisa apontam, resumidamente, para os seguintes aspectos:

1. Independentemente da idade, o contexto tem um impacto substancial na compreensão expressão;
2. A convenção linguística tem um efeito sobre as criança maiores de 9 anos, mas não sobre as crianças de 6 anos, e foi particularmente forte em adultos;
3. O papel da familiaridade também apareceu na introdução no início dos 9 anos e continuou na idade adulta.

Consideramos necessária a verificação da **hipótese da imagem idiomática**. Essa hipótese psicolinguística presume que os aspectos psicolinguísticos da representação de imagens subjacentes às expressões idiomáticas. (MONTEIRO-PLATIN, 2008, p. 245). Podemos confirmar esta hipótese nos falantes-adultos de Sobral. A esse respeito, podemos observar que os entrevistados, especialmente as do sexo feminino, durante seus relatos, indicam imagens mentais através da evocação de sua memória episódica, que armazena eventos ou episódios experimentados pessoalmente (STERNBERG, 2008, p. 174). No primeiro momento, os entrevistados disseram aos documentadores não terem nenhum tipo de motivação especial para evocar os frasemas. Todavia, depois de alguns segundos, recordaram episódios ou momentos específicos de sua vida e neles, situaram as ocorrências das unidades fraseológicas em suas histórias de vida e cotidiano.

#### **4. Contexto como estratégia de evocação das expressões idiomáticas em adultos e crianças**

Havíamos solicitado aos entrevistados-adultos (homens e mulheres) que nos informassem pelo menos cinco expressões idiomáticas, evocadas livremente. Em seguida, fizemos o seguinte comando: “*Que mecanismo especial ou estratégia o Sr. ou*

a Sra. fez para lembrar (após atenderem a solicitação do entrevistador) das expressões idiomáticas solicitadas?”.

A seguir, exemplificaremos, aleatoriamente, algumas das respostas dadas a este comando acima, por cerca de 500 falantes da microrregião de Sobral, que nos parecem indicar “pistas ou indícios psicolinguísticos” do processamento das unidades fraseológicas dos entrevistados, o que chamaríamos aqui de “metáfora central do lembrar” (CATANIA, 1999, p. 237), levando-nos a postular um modelo de memória (episódica) presente nos processos cognitivos que implicam em **codificação, armazenamento, recuperação** das unidades fraseológicas:

- a) “Bem , quando você me pediu pra falar, eu lembrei de uma frase que **aconteceu há muito tempo atrás**” (J.N.F, 58 anos)
- b) “Busquei na memória, mas não sei explicar como isso funciona. Só que **desde criança**, meus avós já falavam essas frases” (E.B, 50 anos).
- c) “Eu acho que busquei na memória, **minha mãe falava bastante essas expressões**. De vez em quando eu também faço uso. Foi engraçado você me perguntar isso, automaticamente comecei a lembrar de várias” (A.P.S, 48 anos)
- d) “**Lembrei das badernas** que tinha quando eu morava no bairro do Alto Novo (Dom José, em Sobral)” (H.D.C, 42 anos)
- e) “**Lembrei de algumas situações vividas** no cotidiano nas quais precisei utilizá-las” (A.F.R, 42 anos)
- f) “**Lembrei-me de um assassinato** que houve no meu bairro” (J.N.A, 44 anos)
- g) “Retornei ao passado, **tempo de menina** quando ouvia as pessoas falarem” (M.J.F.M, 55 anos)

As respostas dos falantes do MEIS-2009 evidenciam que, na perspectiva de uma teoria de “*múltiplos sistemas de memória*”, poderíamos postular uma memória episódica durante a convocação e evocação das expressões idiomáticas. A postulação de uma memória episódica, distinta da semântica, na década de 70 do século passado, foi definida por Endel Tulving (apud STERNBERG, 2008, p. 174). Dorsh (2008), por sua vez, em seu dicionário, corrobora essa teoria de multiarmazenamento, ao definir a memória episódica como aquele tipo que armazena informações (definição aplicável ao processamento das unidades fraseológicas) dentro de um contexto determinado e limitado no tempo e no espaço. (p. 310).

No caso das lembranças das unidades fraseológicas pelos entrevistados-adultos do MEIS-2009, postulamos que a memória episódica vem à tona conforme podemos ler nos relatos orais dos falantes adultos do MEIS-2009 (posteriormente transcrito para o papel) durante suas introspecções. Vejamos o que diz Sternberg (2008) sobre a memória episódica: “De acordo com Tulving, usamos memória episódica quando aprendemos **listas de palavras** ou quando precisamos recordar algo que nos ocorreu em um determinado momento ou em um contexto específico” (p. 174, grifo nosso). Portanto, salienta o papel da memória episódica nas unidades fraseológicas, por ele, por extensão, chamadas de “lista de palavras”.

A teoria da memória episódica, desenvolvida, originalmente, na década de 70 por Tulving (1972), afirma que, toda vez que uma palavra (ou unidade léxica ou simplesmente uma lexia), como, por exemplo, a palavra “boca” (no MEIS-2009, por um único documentador da cidade de Forquilha, foram registradas 15 ocorrências de unidades fraseológicas que trazem a palavra “boca”), é “apreendida numa lista”, torna-se objeto de um registro específico que a individualiza em relação a outros contextos. (LIEURY, 2001, p. 95). Alain Lieury (2001) defende uma espécie de “teoria do encaixe da memória episódica na memória semântica”, postulação, aos nossos olhos, bastante razoável. Na verdade, a esse respeito levantamos esta interrogação: *as expressões idiomáticas memorizadas no léxico mental dos falantes resultam de um encaixamento da memória episódica na memória semântica?*

Sabemos que é bastante polêmica a tese sobre a distinção entre as duas memórias (semântica e episódica); todavia, a existência de uma memória episódica é um fato. O que resta saber é se é ou não uma forma especializada de memória semântica ou declarativa, ou se estas resultariam da própria memória episódica.

Até aqui os dados da introspecção dos entrevistados do MEIS-2009 indicam à luz do conceito operatório da Psicolinguística, que a memória episódica se constitui um mecanismo ou estratégia específica de **codificação, armazenamento e recuperação** das unidades fraseológicas, especialmente as expressões idiomáticas. As expressões idiomáticas seriam codificadas com “**assimetria sintagmática**” por interferência da memória episódica. O MEIS-2009 aponta, por exemplo, a **assimetria** de codificação/recuperação hemisférica, o que podemos constatar através de variantes idiomáticas (por exemplo, as frases feitas geradas a partir do substantivo “boneco” – ainda não lexicalizada nos dicionários de referência como Houaiss ou Aurélio) e que

traduzem bem a idiosincrasia dos cearenses de Fortaleza, graças aos programas populares de televisão). O MEIS-2009 traz amostras dessa assimetria sintagmática como “botar/botando”, incluindo intensificadores como “muito”, em frases do tipo “Ele está **botando boneco**”; “Eu não gosto de quem **bota boneco** à toa.” e “Meu irmão **bota muito boneco** quando tá bêbado”.

Os estudos de Fernandes (2000) sugerem essa “assimetria idiomática” através de um copioso registro de “formas opcionais representadas por inúmeras lexias compostas e complexas, constitutivas de adágios, ditos proverbiais e expressões fraseológicas” (p. 12). Fernandes cita, por exemplo, as seguintes “formas opcionais” (na verdade, variantes fraseológicas): “com quantos paus se faz uma cangalha/com quantos paus se faz uma jangada/de que pau é a canoa”. No caso do estudo de Fernandes, dezenas de unidades fraseológicas são devidamente datadas e abonadas, dois procedimentos da lexicologia. Numa palavra, postulamos que, graças à assimetria sintagmática de inúmeras unidades fraseológicas, falaremos, do ponto de vista sociolinguístico, em dialetismo regional. É o fraseologismo, condicionado por fatores sociais e culturais, que evidencia, nos lugarejos, distritos, metrópoles, cidades interioranas, nos estados e no país, os traços idiomáticos e idiosincrásicos de determinado grupo sociocultural.

### **5. A compreensão das expressões idiomáticas relacionadas com a violência**

A partir de uma amostra de unidades fraseológicas, evocadas livremente por adultos, podemos sistematizar alguns dos matizes semânticos possíveis em fraseologias relacionadas com a violência:

- a) **Fraseologia com significado de constrangimento:** observamos que, em nível de linguagem, o constrangimento pode se manifestar em duas situações: (a) quando a fraseologia sugere violência física ou moral exercida contra alguém, portanto, coação; (b) quando a fraseologia indica uma situação moralmente desconfortável; embaraço, vergonha, vexame. Uma pessoa, através da linguagem, pode muitas vezes exercer intimidação moral contra outra. A intimidação ocorre, em geral, em duas situações: (i) em expressões que provocam ou fazem a pessoa sentir apreensão, receio ou temor e (ii) quando a expressão é capaz de causar ou sentir constrangimento, timidez. São verbos que expressam a intimidação: acanhar, acovardar,

ameaçar, amedrontar, assombrar, assustar, atemorizar, cominar, espavorir, transir.

- b) **Fraseologia com significado de discricionariedade:** A linguagem pode ser um meio eficaz para “exercício injusto ou discricionário, geralmente, ilegal, de força ou de poder”, como ocorre, nos regimes militares, com o *golpe de Estado*. O aspecto discricionário corre, em nível de fraseologia, cria na pessoa uma atmosfera de restrições e limitações. Os ditadores, por exemplo, por excelência, exercem um poder discricionário sobre as pessoas.
- c) **Fraseologia com significado de fúria:** A violência de linguagem ou de sentimentos de uma pessoa contra outra pode ser traduzida como uma “força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria, veemência”. A fúria, em linguagem fraseológica, expressa-se em situação de exaltação violenta de ânimo. São palavras que traduzem ideia de fúria: braveza, cólera, danação, enfurecimento, enraivecimento, exuberância, fereza, ferocidade, furor, gana, ira, irritação, ódio, raiva, rancor, sanha, selvageria, veemência, violência, zanga; Através da linguagem, uma pessoa pode praticar “constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação”.
- d) **Fraseologia de significado de fúria:** Viver num ambiente de hostilidades e estigmatização linguística pode caracterizar um “cerceamento da justiça e do direito; coação, opressão, tirania”, como ocorreu nos ambientes autoritários. Do ponto de vista jurídico, a coação, em linguagem, pode ocorrer em situação que haja constrangimento, violência física ou moral imposta a alguém para que faça, deixe de fazer ou permita que se faça alguma coisa.

Podemos, também, observar como se caracterizam, formal e estruturalmente, as fraseologias da violência:

1. **Dimensão metafórica:** as unidades fraseológicas, de modo geral, trazem uma carga metafórica muito forte uma vez que do sentido próprio de algumas lexias simples (*mão, cara*) ao figurado através de lexias compostas (locuções).

2. **Emprego regional:** as expressões se caracterizam por frasemas, palavra ou locução (dialetismo vocabular) ou acepção (dialetismo semântico) privativa de determinada região dentro do território onde se fala a língua.
3. **Natureza fraseológica:** observamos que a maioria das unidades fraseológicas são formas ou expressões cristalizadas, cujo sentido geralmente não é literal.
4. **Sentido figurado:** as unidades fraseológicas relacionadas à violência indicam sentido derivado do sentido primitivo de uma palavra (lexia simples), que supõe uma comparação implícita de qualquer ordem (metáfora), ou uma associação por contiguidade (metonímia), ou uma extensão do significado original.
5. **Uso informal:** os frasemas abarcam variantes linguísticas que em outros dicionários são classificadas como *popularismo, plebeísmo, gíria, linguagem familiar, linguagem infantil* etc. Constatamos que o popularismo desse tipo de unidade fraseológica resulta do emprego ou uso das mesmas a partir do seu repertório ou dialeto social da população com pouca instrução e que não faz parte do uso culto formal. Na verdade, poderemos dizer que, a rigor, há nessas unidades fraseológicas, um plebeísmo, isto é, são expressões típicas do *dialeto* das classes populares ou dos *registros* distensos da fala culta, e tidos frequentemente pela comunidade falante como grosseiros, vulgares ou triviais, mas que, alguns deles, não chegam a ser tabuizados.
6. **Uso tabuístico:** no exemplário de unidades fraseológicas, relacionadas com a violência, constatamos que muitas expressões se caracterizam por um tabuismo uma vez que, socialmente, as consideramos como chulas, grosseiras ou ofensivas demais na maioria dos contextos. Algumas delas podem ser mesmo chamadas de palavrões e afins, e referem-se geralmente ao metabolismo (*cagar, mijar, merda*), aos órgãos e funções sexuais (*caralho, pica, boceta 'vulva', colhão, cona, foder, crica, pachoucho* etc.), incluem ainda disfemismos pesados como *puta, veado, cabrão*, expressões tabuizadas (*puta que pariu*) etc.]. O tabu idiomático, em geral, decorre da influência da instituição religiosa que faz uma interdição cultural e/ou religiosa quanto a determinado uso, comportamento, gesto ou



linguagem. [A violação desse interdito acarreta, supostamente, castigo divino, que pode recair sobre o culpado ou sobre seu grupo.]

Eis então uma amostra de um minivocabulário de expressões idiomáticas motivadas por temas relacionadas com a violência evocadas por adultos durante a constituição do *corpus* de nossa pesquisa-piloto:

**Quadro I – Amostra de minivocabulário de expressões idiomáticas**

| LEXEMAS  | IDIOMATISMOS                           | SIGNIFICADOS  |
|----------|--|---|
| ÁGUA     | ferver em pouca água                   | zangar-se, irritar-se facilmente ou por motivos insignificantes   |
| CABEÇA   | perder a cabeça                        | perder a calma, agir irrefletidamente   |
| CABEÇA   | querer a cabeça de                     | (1) querer a captura e/ou a morte de (alguém) e (2) exigir a demissão de (alguém)                               |
| CABELO   | de cabelo na(s) venta(s)               | (1) decidido, ousado, valente e (2) irritadiço, mal-humorado; brigão  |
| CACHORRO | soltar os cachorros                    | expressar ira, mau humor; comportar-se com agressividade  |
| CACHORRO | soltar os cachorros em ou para cima de | dirigir-se a (algo ou alguém) agressivamente e esp. vociferando; insultar, admoestar                            |
| CADÁVER  | passar por cima do cadáver de          | Matar   |
| CÃO      | viver como cão e gato                  | viver às turras; estar sempre brigando  |
| CARA     | cara de tacho                          | expressão de rosto encabulada ou aturdida, diante de fato inesperado e/ou desagradável                          |
| CU       | ficar com o cu na mão                  | ficar apavorado, cheio de medo  |
| DENTE    | mostrar os dentes a                    | demonstrar agressividade a (alguém)   |
| FACA     | pôr a faca no peito de                 | exigir uma atitude de; constranger, encostar na parede  |
| FALAR    | falar grosso                           | mostrar-se duro, irredutível ou autoritário (com outrem) (2) bancar o valente; não se intimidar                 |
| FAVA     | mandar às favas                        | mandar embora, livrar-se de (alguém ou algo que importuna ou atrapalha); mandar pentear macacos                 |
| GRITO    | no grito                               | de modo violento, à força; na marra   |
| LENHA    | deitar ou pôr lenha na fogueira        | açular uma disputa, um desentendimento  |
| MÃE      | falar na mãe de alguém                 | ofender (alguém), insultando-lhe a mãe  |
| MÃO      | dar a(s) mão(s) à palmatória           | reconhecer ter sido vencido ou estar enganado   |
| MÃO      | levantar a(s) mão(s) para alguém       | tentar bater em alguém  |
| MEDO     | não ter medo de caretas                | não se deixar intimidar   |
| ONÇA     | ficar uma onça                         | Mesmo que: <i>virar onça</i>  |
| ONÇA     | virar onça                             | ficar irado, enfurecido; ficar uma onça   |
| OSSO     | osso duro de roer                      | (1) diz-se de pessoa destemida, valentona; carne de pescoço e (2) penoso de suportar, aceitar etc.              |
| PATO     | pagar o pato                           | (1) sofrer as consequências de atos praticados por outra pessoa e (2) pagar as despesas feitas por outra pessoa |

|        |   |   |
|--------|---|---|
| PAU    | chutar o pau da barraca                   | deixar de medir as consequências de qualquer ato; engrossar, entornar o caldo                       |
| PAU    | quebrar o ou um pau                       | haver briga, desentendimento e/ou desforço pessoal  |
| PAU    | mostrar com quantos paus se faz uma canoa | dar um castigo, uma lição completa; fazer uma repreensão  |
| PAU    | ficar pau da vida                         | ficar furioso   |
| PAU    | cantar o pau                              | ocorrer pancadaria, briga; comer o pau  |
| PAU    | entrar no pau                             | apanhar uma sova ou lutar   |
| PAU    | escreveu não leu o pau                    | se o combinado não for cumprido, haverá punição   |
| PEGAR  | pega pra capar                            | grande tumulto ger. com agressões físicas   |
| PRATO  | cuspir no prato em que comeu              | demonstrar ingratidão   |
| PRATO  | pôr em pratos limpos                      | aclarar (uma questão, um fato confuso e suspeito), sem deixar nenhuma dúvida; esclarecer, deslindar |
| PUA    | sentar a pua                              | 1 ser ríspido ou violento; agredir (2) agir com determinação, energia; mandar brasa                 |
| PUTO   | puto da vida                              | zangado, irritado; pê da vida, puto   |
| PUTO   | ficar puto                                | ter muita raiva ou irritação; zangar-se, irar-se  |
| RABO   | Meter o rabo entre as pernas              | ficar calado, por se sentir sem razão, culpado ou amedrontado                                       |
| RABO   | ter o rabo preso                          | ter o que esconder por agir de modo impróprio   |
| RAÇA   | acabar com a rabo de alguém               | matar, destruir   |
| SACO   | encher o saco                             | enfadar(-se), chatear(-se), amolar(-se)   |
| SACO   | de saco cheio                             | enfasiado, amolado, aborrecido.   |
| SACO   | com (ou sem) saco                         | com (ou sem) paciência e/ou disposição para algo  |
| SANGUE | ferver o saco a                           | experimentar um profundo sentimento de indignação, revolta  |
| SANGUE | ter sangue nas veias                      | Mesmo que: <i>ter o sangue quente</i>   |
| SANGUE | ter sangue de barata                      | não reagir a provocações e ofensas  |
| SANGUE | ter sangue na guelra                      | Mesmo que: <i>ter o sangue quente</i>   |
| SANGUE | subir o sangue à cabeça                   | perder a serenidade; enfurecer-se   |

Eis uma pequena amostra da interpretação dada por crianças na primeira infância à expressão idiomática “**mostrar com quantos paus se faz uma canoa**”.

**Quadro II – Compreensão da expressão idiomática em Mucambo (CE)**

| <b>Mostrar com quantos paus se faz uma canoa</b> |  |
|--|--|
| <b>Nome das crianças e idade</b>                 | <b>Interpretação (literal/idiomática)</b>  |
| M.L, 6 anos                                      | 1000 paus                                  |
| C.P, 6 anos                                      | 60 paus                                    |
| T.F, 10 anos                                     | Um ditado popular para aquietar as pessoas |
| M.J, 06 anos                                     | Que eles querem brigar                     |
| F.A, 6 anos                                      | 14 paus                                    |
| J.D, 6 anos                                      | Porque eles estão com raiva (vi na TV)     |
| A.S, 6 anos                                      | 3 paus                                     |

|              |                              |
|--------------|------------------------------|
| M.D, 6 anos  | 4 paus                       |
| E.M, 10 anos | Quando está com raiva de mim |

### Quadro III – Compreensão da expressão idiomática em Sobral (CE)

| Mostrar com quantos paus se faz uma canoa |  |
|---|--|
| Nome das crianças e idade                 | Interpretação (literal/idiomática)                                       |
| L.V, 9 anos                               | “Significa que eu também tenho que ficar com raiva”                      |
| L.B, 10 anos                              | “Vô se vingar do que ela falou comigo.”                                  |
| P.I, 11 anos                              | “Significa que eu vô dar porrada em alguém.”                             |
| V.L, 11 anos                              | Não compreendeu a expressão  |
| A.F, 11 anos                              | “Que a gente tem que resolver com a outra o que ela causou com a gente.” |
| E.S, 11 anos                              | “Briga.”   |
| G.A, 7 anos                               | “Briga.”   |

### Quadro IV – Compreensão da expressão idiomática no Ipu (CE)

| Mostrar com quantos paus se faz uma canoa |   |
|---|---|
| Nome das crianças e idade                 | Interpretação (literal/idiomática)              |
| L.G, 10 anos                              | É que ele vai dar uma lição.                    |
| A.M, 8 anos                               | Que o outro vai apanhar.                        |
| R.M, 7 anos                               | Que a pessoa vai aprender alguma coisa.         |
| I.G, 6 anos                               | Que a canoa faz com muitos paus.                |
| J.M, 7 anos                               | Que a pessoa agora vai aprender alguma coisa.   |
| C.D, 7 anos                               | Que eu vou apanhar.                             |
| C.N, 9 anos                               | Que vai ter uma lição                           |
| L.G, 5 anos                               | Que a pessoa vai mostrar como se faz uma canoa. |
| K.G, 8 anos                               | Que a pessoa agora vai ver.                     |
| D.S, 08 anos                              | Que a pessoa agora vai tomar um castigo.        |

## 6. Considerações finais

A análise dos dados coletados nos levar a postular que os falantes da microrregião sobralense recorrem à memória episódica para a evocação das unidades fraseológicas, especialmente as expressões idiomáticas, mais cristalizadas e memorizadas, na cultura popular. Essa postulação se aproxima com algumas assertivas de Austin (1990), em seu “**Quando dizer é fazer: palavras e ação**” (1990), ao dizer que as “declarações”, a que estendemos aqui para as expressões idiomáticas, chamadas pelo filósofo de “proferimentos”, não indicam particularmente a realidade relatada, pois são “usadas para indicar (e não para relatar) as **circunstâncias** em que a declaração foi feita, as **restrições** às quais está sujeita ou a maneira como deve ser recebida, ou coisas desse teor” (p. 23, grifos nossos).

Os dados da pesquisa confirmam também alguns aportes teóricos de Thompson (2005), na medida em que os relatos contidos no MEIS-2009 indicam que entrevistados-

adultos, durante o processamento das unidades fraseológicas, acessam à memória episódica uma vez que evocam “lembranças de coisas acontecidas em sua experiência” (p. 362), em contraste com a memória semântica que não leva em conta o **tempo** no armazenamento das informações:

A distinção entre a memória episódica e a memória semântica, apontada em nossa pesquisa, confirma a tese de Springer e Deutsch (2008), que consideram como dois tipos de memória de longo prazo, posição teórica a que, também, aderimos. Segundo Springer e Deutsch (2008), a memória episódica “registra informações sobre eventos específicos dentro do contexto de outros eventos durante a vida de uma pessoa” (p. 207), enquanto a memória semântica implica, como dissemos anteriormente, num conhecimento do mundo ou cosmovisão do falante, envolvendo, assim, os fatos, os conceitos, as regras e os significados. Tal posição também encontra ressonância nos aportes teóricos de Eysenck e Keane (2007), na medida em que veem na memória episódica a evocação das experiências pessoais ou episódios que aconteceram em um determinado lugar em um momento específico (p. 577), ou, simplesmente, entendem-na como “memória para eventos específicos”.

Nossa pesquisa corrobora com as pesquisas de Lefrançois (2008, p. 320), uma vez que, enquanto a memória semântica se caracteriza por ser um “conhecimento estável sobre o mundo”, a memória episódica traz como principal traço distintivo um “conjunto de conhecimento que diz respeito à memória pessoal dos fatos vividos pelo indivíduo”, não sendo, pois, abstratas, mas “memórias específicas ligadas ao tempo e espaço”, também chamada por ele, de *memória autobiográfica*, uma vez que “sempre envolve a pessoa num certo tempo e espaço”, características que podemos comprovar nos frasesmas coletados pelo MEIS-2009.

Durante o relato dos falantes-adultos, no MEIS-2009, constatamos que ao fazerem uma introspecção sobre estratégia para recorrerem, livremente, à memória, afirmaram ter uma espécie de *déjà-vu*, isto é, acreditam ter “vivido” alguma coisa com relação ao frasesma evocado: “relembrei coisas do passado ou algo que alguém me falou, ou até mesmo que eu falei para certas pessoas” (I.F.S, 32 anos) ou do tipo “Tenho lembrança que devo ter ouvido no decorrer da vida” (P.F.S, 43) ou “Deve ser porque vivi um fato interessante”. (A.G.N, 53)

Quanto aos falantes-crianças, presentes no MEIS-2009, podemos observar estratégias do contexto ou situação ou da própria memória episódica quando vão dar o

significado a frases do tipo “Mostrar com quantos paus se faz uma canoa”: “Ah! Minha vó diz isso **quando** está brava, mas nunca perguntei o que é” (M.R.C, 6 anos); “A minha mãe fala **quando** quer me contrariar” (B.A.S, 10 anos); “Se diz isso quando duas pessoas estão com muita raiva uma da outra, e começam a discutir” (M.W.S, 10 anos) e “**No dia** que minha mãe falou isso pra mim foi porque ela tava com raiva porque eu não tinha feito minha atividade de casa, ela estava furiosa e **me colocou** de castigo” (G.P.L, 8 anos).

Por fim, os significados dados às expressões idiomáticas, apontados na pesquisa-piloto, sugerem-nos que não são arbitrários, mas motivados e têm base metafórica que decorre de esquemas de imagens e movimentos que emergem a partir de nossas experiências corpóreas armazenadas em nossa memória episódica.

## Referências

- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer: palavras e ação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAPTISTA, L. M. T. R. Tratándose de expresiones idiomáticas, ¡no te rompas la cabeza ni busques cinco pies al gato!. *RedELE* – Revista Electrónica de Didáctica/ Español Lengua Extranjera, n. 6, 2006. Disponível em: <[http://www.educacion.gob.es/dctm/redele/Material-RedEle/Revista/2006\\_06/2006\\_redELE\\_6\\_04Baptista.pdf?documentId=0901e72b80df9.f3c](http://www.educacion.gob.es/dctm/redele/Material-RedEle/Revista/2006_06/2006_redELE_6_04Baptista.pdf?documentId=0901e72b80df9.f3c)>. Acesso em: 25 mar. 2010.
- CAMARA JUNIOR, J. M. **Dicionário de linguística e gramática**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- CATANIA, A. C. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. 4. ed. Tradução de Deisy das Graças de Souza. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- CORPAS-PASTOR, G. **Corrientes actuales de la investigación fraseológica en Europa** (2001). Disponível em: <<http://91.121.164.100/dok/euskera/25886.pdf>>.
- COSERIU, E. **Linguística del texto: introducción a la hermenêutica Del sentido**. Edición, anotación e estudio previo de Oscar Loureda Lamas. Madrid: Arco/Libros: 2007.
- CUENCA, M. J.; HILFERTY, J. **Introdução a la linguística cognitiva**. Barcelona: Ariel Linguística, 1999.
- DELBECQUE, N. **A linguística cognitiva: compreender como funcionar a linguagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Revisão técnica e tradução de Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

- EHRlich, Stéphane. **Aprendizagem e memória humanas**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. **Manual de psicologia cognitiva**. 5. ed. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FERNANDES, J. A. Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa. Fortaleza: EDUFC, 2000
- FERNÁNDEZ, G. E. et al. **Expresiones idiomáticas: valores y usos**. São Paulo: Ática, 2004.
- FLAVELL, J. H., MILLER, P. H.; MILLER, S. A. **Desenvolvimento cognitivo**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FRANÇOIS, F. **Crianças e narrativas: maneiras de sentir, maneiras de dizer...** Tradução e adaptação de Ana Lúcia Tinoco Cabral e Lélia Erbolato Melo. São Paulo: Humanitas, 2009.
- GONZÁLEZ-REY, M. I. **La didactique du français idiomatique**. Fernelmont: E.M.E, 2007.
- GONZÁLEZ-REY, M. I. **Adquisición de las expresiones fijas: metodología y recursos didácticos** [Idioms Acquisition methodology and didactic resources]. Fernelmont: E.M.E. 2007.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LEFRANÇOIS, G. R. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- LIEURY, A. **Memória e aproveitamento escolar**. Tradução de Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Loyola, 2001.
- MACEDO, A. C. P. de. Cognição e linguística. In: MACEDO, A. C. P. de; FELTES, H. P. de M.; FARIAS, E. M. P. (Org.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul: EducS; Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 9-37.
- MARTINS, V. **Minicorpus de expressões idiomáticas de uso normal no Português Brasileiro** (PB). Fortaleza: PPGL, 2009. Texto não publicado. [Contém lista de 600 expressões idiomáticas, com seus respectivos significados idiomáticos, conhecidas por falantes do Brasil]
- MONTEIRO-PLANTIN, R. Uma contribuição à fraseodidática do francês como língua estrangeira. *Acta Sci. Lang. Cult.*, Maringá, v. 30, n. 2, p. 243-245, 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/4987/4987>>. Acesso em: 12 ago. 2009.
- NEVEU, F. **Dicionário de ciências da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- ORTIZ-ALVAREZ, M. L. Os fraseologismos como expressão cultural: aspectos de seu ensino em PLE. In: CUNHA, M. J. C.; SANTOS, P. (Org.). **Tópicos em português Língua Estrangeira**. Brasília: UnB, 2002.
- RÉCANATI, F. Conteúdo semântico e conteúdo cognitivo dos enunciados. In: ANDLER, D. (Org.) **Introdução às ciências cognitivas**. São Leopoldo: Unisinos, 1988. p. 211-235.

SARAIVA, A. M. Cognição e categorização: uma revisão teórica. In: MACEDO, A. C. P. de; FELTES, H. P. de M.; FARIAS, E. M. P. (Org.). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul: Educus; Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 39-70.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995.

SCLIAR-CABRAL, L. **Introdução à psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1991.

SPRENDGER, M. **Memória: como ensinar para o aluno lembrar**. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SPRINGER, S. P.; DEUTSCH, G. **Cérebro esquerdo, cérebro direito: perspectivas da neurociência cognitiva**. 5. ed. São Paulo: Gen/Santos, 2008.

STERNBERG, R. J. **Psicologia cognitiva**. 4. ed. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAGNIN, S. E. O. **O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas**. Inglês e português. São Paulo: Disal, 2005.

THOMPSON, R. F. **O cérebro: uma introdução à neurociência**. 3. ed. São Paulo: Santos, 2005.